

O GÊNERO DIÁRIO DE LEITURA UMA SUGESTÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Autora: Catharie Brandão de Souza.
Orientador (a): Tassia Tavares de oliveira

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Catbrandao2010@gmail.com

A literatura é um importante passo para o leitor se conhecer dentro de uma sociedade letrada, sendo assim, o objetivo deste artigo é discutir nossa prática pedagógica durante a realização do estágio supervisionado no ensino fundamental em uma escola municipal de Campina Grande. Metodologicamente, nossas atividades foram elaboradas a partir do procedimento de Sequências Didáticas (SD) divididas em 20 h/as. O conteúdo principal da SD era a leitura do livro “OMO-OBA histórias de princesas” Oliveira (2009) e a abordagem do gênero Diário de Leitura. Os alunos iriam ler o livro de literatura em seguida produzir um diário de leitura baseado na interpretação pessoal dos contos presentes no livro. O Professor mostrar aos alunos que ler pode ser agradável dependendo do método utilizado é o que estimula a leitura, e conseqüentemente forma leitores assíduos e mostrar que uma das portas para este deleite é a literatura, é importante uma vez que a formação cultural e histórica é essencial para a formação do leitor analítico e produtor ativo numa perspectiva interacionista. Nosso aporte teórico sustenta-se em Carvalho (2005), Cosson (2012), Solé (1998), Machado (2007). Os resultados do estudo apontaram que os alunos não viam ler como um ato prazeroso, nem tinham este hábito recorrente em suas vidas, no entanto a prática com estratégias motivacionais leitoras como a produção de um diário de Leitura, durante o estágio mostraram alunos dedicados à leitura e encantados com a literatura.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, OMO-OBA história de princesas, Diário de Leitura.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes nos perguntamos não só como alunos, ou como professores, mas como ser humano no geral, o que é mais difícil uma boa leitura ou uma boa escrita? Bem podemos dizer que os dois não são extremamente difíceis ou completamente fáceis na verdade um depende muito do outro.

Para se escrever bem primeiramente é preciso um mínimo de conhecimento sobre determinado conteúdo ao qual vai se promover a escrita, ao mesmo tempo em que para tal artifício é necessário uma boa leitura, ou seja, também uma boa interpretação.

Sendo assim, como tornar uma leitura prazerosa e uma escrita afiada num mundo que é cada dia mais conquistado pela internet e o prazer

visual se torna mais convicto e a facilidade de leitura gestual é mais propícia que a leitura verbal num livro ou determinado conteúdo? Digamos que ninguém é capaz de fazer isso do que o próprio interessado no objeto de estudo, porém o professor pode ser um auxiliar para facilitar esse encontro harmonioso entre a leitura e a escrita. Sendo ele a porta de auxílio para o desenvolvimento do conhecimento cognitivo unindo a leitura que possui a leitura que vai adquirir e a escrita que será desenvolvida deve está disposto a unir compartilhamento de informações a liberdade de construção interpretativa do aluno.

Respeitar a leitura do mundo do educando significa toma-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. [...] A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também um trabalho individual de cada sujeito no processo de assimilação de inteligência do mundo. [...] É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera sua capacidade de *achar* e obstaculiza a exatidão do *achado* [...] O que posso e o que devo fazer é, na perspectiva progressista em que me acho, ao assinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Meu papel de professor progressista não é apenas o de ensinar matemática, biologia, mas sim, tratando a temática que é de um lado objeto de meu ensino, de outro, da aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como *arquiteto* de sua própria prática cognoscitiva. Numa perspectiva progressista o que devo fazer em experimentar a unidade dinâmica entre o ensino do conteúdo e o ensino de que é e de como aprender. (Freire, 1996, p. 123-124-125)

Sendo assim, o trabalho de leitura em sala de aula é justificado para ajudar no desenvolvimento analítico de cada aluno, pois em nossa atual situação da educação que segue um caminho para crescimento tecnológico e uma sociedade que usa mais a leitura visual não verbal, o aluno precisa estar preparado para uma interpretação bem desenvolvida e formação crítica ao se deparar com a leitura.

Por isso a formação do leitor depende muito de como ele é apresentado a esta leitura, a ponto de oferecer entusiasmo e desejo de se aprofundar no que esta lendo. Por isso é importante conhecer bem o aluno e lhe proporcionar leituras que ampare um pouco do seu conhecimento de mundo, dando a ele a oportunidade de desenvolver as próprias interpretações. Neste caso ao utilizar o gênero Diário de Leitura como estratégia e aceitar sua visão sobre determinado assunto auxilia na construção da escrita e facilita a reflexão sobre o que esta lendo.

O trabalho explícito com os gêneros textuais é indispensável nas aulas de leitura. Na prática docente, o professor precisa apresentar aos alunos gêneros diversos para eles se familiarizarem com formas distintas que os textos tomam para circular na sociedade. Por essa razão, realizar atividades de análise de gêneros é muito importante para atingir esse objetivo. (OLIVEIRA, 2010)

O intuito deste trabalho é relatar a eficácia do uso desta estratégia, o gênero Diário de Leitura, um objeto de estudo que ampara particularmente o indivíduo em sua magnitude interpretativa, induzindo-o a expressar-se após deleitar-se sobre a prazerosa leitura de um conteúdo literário de cunho analítico acessível, especificado para sua faixa etária.

Confesso que a utilização desta estratégia em sala de aula foi uma surpresa para os alunos, assim como foi para mim ao ver no conteúdo programado da escola a exposição deste gênero, porque assim como muitas pessoas, antes de conhecer a utilidade deste gênero para incentivar a leitura em sala de aula através do desafio de compreender o texto literário para depois produzir o seu próprio diário de leitura, eu também acreditava que tinha apenas a função de registrar particularmente o dia a dia de um indivíduo. O problema é que conhecemos o diário particular como registro do seu dia a dia e não o diário de leitura utilizado como atenuante investigativo de uma pesquisa.

É superficial entendeu o diário como apenas um receptáculo para seus pensamentos particulares, secretos - como uma confidente surda, muda e analfabeta. No Diário não apenas eu me expesso mais abertamente do que poderia com qualquer pessoa, eu me criou. O diário é um veículo para o meu sentido de individualidade. Ele me representa como emocional e espiritualmente independente. Portanto (infelizmente) ele não apenas registra minha vida diária real, como - em muitos casos - oferece uma alternativa ela. (Machado, 2007, p. 21)

Durante o desenvolvimento deste artigo, discutiremos quais foram os embates e aquisições que contemplaram o estágio no ensino fundamental 2, e que foram fascinantes para contribuir no meu crescimento psicointelectual, pessoal e profissional no exercício da docência.

METODOLOGIA

Nossas atividades foram elaboradas a partir do procedimento de sequência didática divididas em 20h/as.

Primeiro foi efetuado um questionário que objetivou, com base nas respostas, a preparação da nossa Sequência Didática. Através deste, pudemos observar a realidade dos alunos pelos quais estaríamos submetidos, bem como seu aparato de conhecimento sobre a disciplina de Língua portuguesa, como, por exemplo, hábito de leitura. Também incluímos nesse questionário os tipos de gêneros textuais que esses alunos gostam de ler, e como tornar as aulas mais dinâmicas. A partir dessa primeira etapa, pudemos dar início a elaboração da Sequência Didática, ancorada no tema central da escola “*Diversidade cultural*”.

Segundo, Considerando de alta importância relacionar nossas atividades ao contexto social desse alunado, na tentativa de aproximação e dinamização das aulas, por isso escolhemos trabalhar com o gênero Diário de leitura, visando estimular a leitura através do desejo de formar seu próprio diário e levantar apontamentos para o que se leu, visando desta forma, os leve a pensar criticamente e compreender elementos extra – textuais, se atentando a formação de pesquisador no âmbito da leitura e produtor de seus próprios diários.

Muitos pesquisadores afirmam que a escrita do diário de pesquisa lhes possibilita descobrir suas próprias ideias, clarificar suas ideias, levantar questões a serem investigadas, tornarem-se menos defensivos em relação à crítica alheia; conscientizarem-se de noções pré-teóricas e da subjetividade que interferem na pesquisa; analisar e criticar todas as fases de sua pesquisa; identificar suas dúvidas e seus enganos, suas fraquezas, seus medos e conflitos. (Machado, 2007, p. 21)

Terceiro, selecionamos o livro “Omo-Oba: histórias de princesas” objetivando levar histórias diferentes que abordassem aspectos da cultura africana. Nossa tentativa foi de ampliar a visão crítica do aluno para questões sociais como o racismo, fazendo-o perceber o quão importante essa cultura é para nosso povo.

“OMO-OBA: histórias de princesas” é um livro formado de contos que narram histórias de princesas negras e apresentam uma variedade de informações acerca da cultura africana, desmistificando padrões convencionados de princesas loiras de olhos azuis, como também conheça a cultura que faz parte de sua descendência, estimulando, assim, um olhar pacífico sem preconceitos raciais que persiste na sociedade.

Por fim, as estratégias de leitura foram aplicadas assim: durante as aulas dividimos a turma em grupos e cada dia um grupo ficava responsável para fazer a leitura, sendo que cada pessoa do grupo lia uma parte do conto e no final eles comentavam sua interpretação, o que o conto queria mostrar, sua finalidade semântica, em seguida os outros grupos debatiam suas visões interpretativas após ouvirem a leitura deste grupo. Após todas as leituras e os debates na sala

serem finalizados individualmente, eles produziram seu próprio diário de leitura abordando nele os contos que foram lidos, e analisados reflexivamente durante as aulas.

Acreditamos que, ambas as escolhas, aliam-se ao cotidiano e informalidade das vivências dos alunos, não é preciso trabalhar, apenas, gêneros que circulam excessivamente na sociedade, mas trabalhar aqueles que, mesmo de cunho particular, possam gerar aproximação do aluno, seja na leitura e conseqüentemente a formação necessária para produzir à escrita. Logo, nossa SD primou, principalmente, pela leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A INSTIGAÇÃO DA LEITURA COM A ESTRATÉGIA DIÁRIO DE LEITURA.

A leitura, por ser uma atividade de cunho social e que envolve vários interlocutores, é um eixo que vai além de pensamentos como “um bom leitor é aquele que sabe ler”, é um processo constituinte na educação e na construção de cidadãos reflexivos e críticos. Portanto, analisar elementos que envolvem o processo de leitura e estratégias de compreensão que a compõem, tornou-se nosso ponto de partida.

Entender as dificuldades de leitura e utilizar práticas que auxiliem para a construção de um indivíduo leitor foi o que motivou nosso intuito de, através do hábito de ler e escrever o diário de leitura possamos a estimular a leitura crítica e participativa, levando-o a construir uma compreensão para além do texto, fazê-lo pensar e relacionar o que foi lido a outras informações e conhecimentos adquiridos por ele.

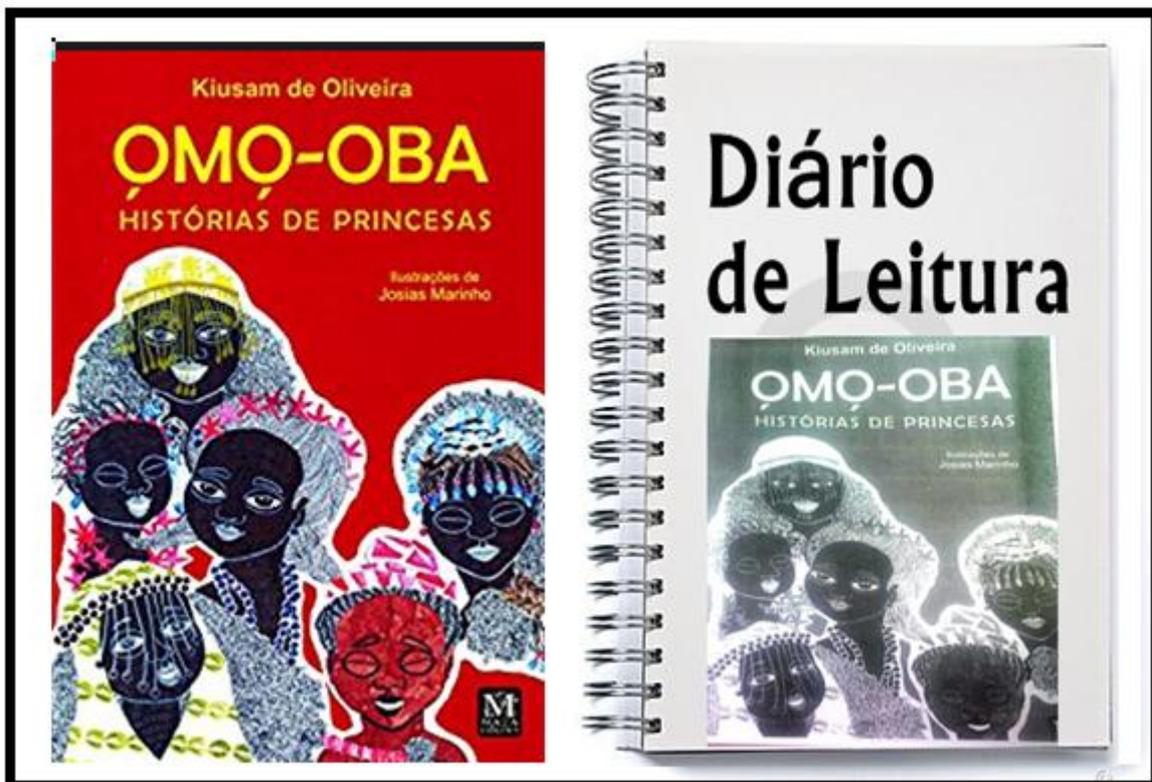
A utilização da estratégia do Diário de leitura é interessante para ser usada em sala de aula porque é um gênero que esta mais perto do dia a dia de cada pessoa independente de ser aluno ou não, por apresentar características individuais de quem esta produzindo facilita a forma como quer se expressar depois de refletir sobre a leitura e também constará as estratégias que o escritor observou durante as leituras e o levou a produzir seu diário, como tudo aconteceu na sala, quais foram suas duvidas, anseios, descrever com suas palavras o que ele compreendeu e como articulou a leitura da obra, que descreve em seu diário.

Para compreender bem a leitura do livro OMO-OBA histórias de princesas e desenvolver uma escrita bem elaborada, utilizamos com os alunos a sequência básica de Cosson (2006), unido às estratégias de leitura indicadas por Solé (1998).

Segundo Cosson (2006), o ensino de leitura voltado para o ensino fundamental deve ser dividido em *Motivação, Introdução, Leitura e interpretação*. No entanto, antes de motivar é necessário conhecer o gosto dos alunos, pois só consegue-se um desenvolvimento favorável colocando-se no lugar do aluno e sentindo suas necessidades e dificuldades, sendo assim, antes de começar a aplicar diretamente a sequência nós fizemos um questionário de sondagem e identificamos que eles gostavam de literatura infanto-juvenil, por isso escolhemos o livro OMO-OBA Histórias de princesas.

Para *MOTIVAR* os alunos, nós utilizamos a estratégia do Diário de Leitura, sendo assim, cada aluno recebeu um mini diário em branco e eles iriam preenchê-los diariamente em casa, com suas próprias palavras, após as leituras dos contos do livro em sala.

Quadro 1. Livro e diário entregue aos alunos



INTRODUZIMOS o conteúdo mostrando aos alunos os objetivos, pois Solé (1998), explica que é essencial antes de começar qualquer leitura saber os objetivos para atualizar os conhecimentos prévios e neste caso tínhamos três: primeiro *por prazer*, devido se tratar de uma leitura que eles já gostavam infanto-juvenil, segundo *para praticar em voz alta* construindo uma dicção elaborada, tem terceiro *ler para verificar o que se compreende* buscando coletivamente reflexão dos contos do livro e

por fim *para produzir o diário de leitura*. Sendo assim sempre que eles liam estavam motivados, pois sabiam que escreveriam seus diários com suas próprias palavras e sem estar o tempo inteiro pensando em manter um padrão rigoroso da norma. Para tal produção, explicamos a estrutura do diário de leitura.

Quadro 2. Estrutura do diário de Leitura.

Diário de Leitura

1. Observe o título e coloque suas impressões: se gostou se deu vontade de ler, do que se trata entre outros;
2. Antes de ler o texto, observe o que lhe chama atenção: figuras, notas, biografia entre outros;
3. À medida que você ler registre: a relação que puder estabelecer com outros conteúdos anteriores de filmes, histórias, músicas, páginas da internet entre outros, as contribuições que este texto está trazendo para você e sua opinião sobre o conteúdo deste texto: concordando ou não com o autor, levantando dúvidas, dificuldades e depois sintetize as ideias.
4. Retire partes do texto para justificar suas opiniões;
5. Sinta-se livre para escrever como desejar.
6. Releia, faça uma revisão caso queira mudar algo e entregue ao professor.

Depois dos alunos conhecerem a estrutura de formação do diário eles se mostraram animados para produzir o seu, perceberam que era simples, precisavam apenas de uma boa leitura e interpretação e sabiam que estávamos o tempo todo lá para ajuda-los.

Para *LEITURA*, Solé apresenta diversas estratégias entre elas nós utilizamos a estratégia de Rogoff (1984) que ele chama de *Participação Guiada* unida ao trabalho de Collins e Smith (1980), uma estratégia formada de três etapas.

A participação guiada pressupõe, em primeiro lugar, uma situação educativa em que se ajude o aluno a contrastar e relacionar seu conhecimento prévio com o que vai ser necessário para abordar essa situação. Em segundo lugar, o aluno dispõe desde o princípio – porque o professor lhe proporciona isso – de uma visão de conjunto ou estrutura geral para levar a cabo a sua tarefa. São situações em que, como terceira característica, se permite que a criança assuma a responsabilidade em seu desenvolvimento de forma progressiva, até se mostrar competente na aplicação autônoma do que foi aprendido. Naturalmente, trata-se de situações em que o adulto – neste caso o professor, mas poderia ser um progenitor ou outra pessoa –

participa muito ativamente. (Rogoff, 1984, apud. Solé, 1998, p. 92-93)

Com a *Participação Guiada* os alunos se sentem seguros para ler e refletir sobre o que esta lendo, como uma mãe que segura na mão do filho enquanto começa a andar e quando ele começa a dar os primeiros passos, fica ali com cuidado, mas deixa-o tentar sozinho e assim ele vendo a mãe junto se sente seguro e consegue andar. Podemos compreender melhor quando pensamos no domínio de estratégias e a aplicação delas.

O modelo para o ensino proposto por Collins e Smith respeita os princípios antes assinalados para caracterizar uma situação de instrução da compreensão leitora. No mesmo se afirma que, como em qualquer conteúdo acadêmico, o domínio das estratégias de compreensão leitora requer progressivamente menor controle por parte do professor e maior controle do aluno. (Collins e Smith, 1980, apud. Solé, 1998, p. 95)

Sendo assim, seguimos as três etapas da estratégia que ele ensina. Colocamos os alunos em círculo, entregamos uma cópia do livro para cada um e fizemos a leitura enquanto eles prestavam a atenção acompanhando em seus livros, os contos, isso foi feito diariamente porque o livro era dividido em contos então em cada aula líamos um conto, para depois em casa os alunos escreverem em seus diários sua experiência sobre tal conto.

Na primeira, ou etapa do modelo, o professor serve de modelo para seus alunos mediante sua própria leitura: lê em voz alta, para sistematicamente verbalizar e comentar os processos que lhe permitem compreender o texto – por exemplo, as hipóteses que realiza, os indicadores em que se baseia para verificá-las...; também comenta as dúvidas que encontra, as falhas de compreensão e os mecanismos que utiliza para resolvê-las..., etc. (Collins e Smith, 1980, apud. Solé, 1998, p. 94)

Então os alunos faziam perguntas e discutíamos sobre o conto lido, em seguida a sala era dividida em grupos para terem a liberdade de discutir uns com os outros: falavam das imagens e do que o conto queria dizer entre outros.

Depois da etapa do modelo, e à medida que as coisas ocorram ou se exija, segue a etapa de participação do aluno. Na mesma se pretende, em primeiro lugar, que, de uma forma mais dirigida pelo professor – por exemplo, formulando perguntas que sugiram uma hipótese bastante de terminada sobre o conteúdo do texto – e dando maior liberdade progressivamente – sugerindo perguntas abertas, ou apenas elucidando as opiniões dos meninos ou meninas –, o aluno participe do uso de estratégias que vão lhe facilitar a compreensão dos textos. (Collins e Smith, 1980, apud. Solé, 1998, p. 94)

Na terceira etapa os deixamos lendo individual silenciosamente e escrevendo suas impressões sobre o conto e sobre a forma que foi discutido e refletido na aula. Assim tínhamos mais ou menos uma ideia do que eles iriam escrever em seus diários em casa e podíamos lhes orientar tirando as dúvidas antes deles escreverem diretamente seus diários, já que isso era a atividade diária de casa.

Por último, Collins e Smith (1980) falam da etapa de leitura silenciosa, na qual os alunos realizam sozinhos as atividades que, nas fases anteriores, efetuaram com ajuda do professor: dotar-se de objetivos de leitura, prever, formular hipóteses, buscar e encontrar apoio para as hipóteses, detectar e compensar falhas de compreensão, etc. (Collins e Smith, 1980, apud. Solé, 1998, p. 95)

Por fim chegamos à montagem dos diários, depois dessas estratégias que aplicamos em sala, após as leituras de todos os contos na aula seguinte os alunos trouxeram os diários nós lemos e passamos uma reescrita por que no final do estágio seria apresentado para a escola o diário produzido no geral pela sala e o resultado foi muito bom, levando em consideração que estávamos com uma turma do 6º ano, a maioria fez e capricharam.

A avaliação foi contínua e baseada na construção de seus diários de leitura. Este foi o resultado:

Quadro 3. Diário de Leitura em formação e Diário pronto

| DIÁRIO ESCRITO POR UM DOS ALUNOS | DIÁRIO FINAL DA TURMA |
|--|--|
| <p>REESCRITA DO DIÁRIO DE LEITURA</p> <p>O livro OMO-OBA: histórias de princesas foi escrito por Kiusam de Oliveira. As suas histórias contam sobre princesas que temham poderes. O livro relata também histórias e contos da África. Os principais personagens são: Ojá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê, Xalugá e Oduduá. O livro também tem muitas figuras que lembram o povo da África. Eu gostei muito do livro, eu recomendo.</p> | <p>DIÁRIO DE LEITURA</p> <p>Por: Turma do 6º B</p> <p>O livro "OMO-OBA: histórias de princesas" foi escrito por Kiusam de Oliveira, ele é composto por seis histórias que contam sobre princesas que possuem poderes diferentes, e cada uma delas tem suas cores preferidas. Elas se chamam: Ojá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê, Xalugá e Oduduá.</p> <p>O livro traz muitas imagens que representam as personagens e a cultura africana. As histórias nos lembram o filme "Kiriku", pois também retrata essa cultura.</p> <p>Nós indicamos a leitura do livro porque é interessante, criativo e tem uma leitura compreensível. Gostamos muito!</p> |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos perceber que a ação do leitor constitui um processo cognitivo que o leva a mobilizar conhecimentos adquiridos durante sua vida, tornando-o sujeito ativo na construção do sentido do texto.

A leitura interacionista, estimula o aluno a compreender que os textos carregam marcas de outros discursos, e através dessa estratégia que ele deve aprender a refletir para desenvolver sua compreensão, direcionando sua aprendizagem para além do texto em si.

Em se tratando de pós-modernidade, podemos citar a leitura enquanto processo discursivo, nesse caso, o olhar vem do interior do sujeito que, devido a marcas exteriores e históricas, está carregado por subjetividade, o inconsciente é atravessado pelos discursos do outro.

Partindo dessas premissas, o que, infelizmente, ainda percebemos de alguns alunos da turma em que ministramos as aulas, é a prática da leitura enquanto processo de decodificação, é um histórico que nós, professores em formação, devemos mudar, e ensinar como se deve constituir essa aprendizagem.

Formar leitores críticos e reflexivos compreende em ensinar essas estratégias, abandonando a decodificação como processo de leitura. O aluno deve incluir suas próprias experiências para dar significação ao texto ou obra, sendo necessário que a escola saiba desenvolver a importância social do ensino de leitura, não se limitando a fragmentos ou recortes que direcionam para a superficialidade, mas ler livros e textos completos, a fim de estimular a interpretação e reflexão desse aluno.

A partir dessa perspectiva, entendemos que a leitura é um jogo de movimento cujos olhos se lançam sobre o material a ser lido, sofrendo inferências. É importante ressaltar que práticas de leitura orais e em voz alta sejam praticadas, a fim de criar novos métodos de aprendizagem.

O ensino-aprendizagem com gêneros textuais permite aos alunos o conhecimento do uso concreto da Leitura e da língua, aproximando-os a elementos de textualidade, intencionalidade, temáticos etc. providos desses textos. Portanto, a escolha de um gênero para elaboração de SD's é fundamental, pois, através dele, podemos explanar os diversos conteúdos do ensino de leitura de circulação na sociedade.

Para nossa SD, escolhemos o gênero Diário de leitura que, segundo MACHADO (2007), é um gênero pouco divulgado devido à valorização excessiva do ensino de “gêneros públicos”, ignorando o valor heurístico da escrita

particular e suas emoções instauradas ao texto, ela ainda cita a importância do gênero para a prática da leitura, pois é através desse exercício que o aluno pode “descobrir seus próprios pensamentos e aprofundá-los, como uma forma de pesquisa interna; avaliar, questionar, buscar justificativas para eles; ter um conhecimento mais aprofundado de si mesmo; exercer uma constante auto-avaliação e auto-crítica sobre suas ações e sobre os trabalhos em desenvolvimento; construir uma espécie de “reservatório de textos”, que pode ser útil para trabalhos futuros etc.”.

Após o uso da estratégia com o gênero diário de leitura em sala de aula para desenvolvimento da leitura, podemos perceber a respeito do livro Omo-oba histórias de princesas que os alunos souberam identificar o nome do livro e descreveram seus elementos principais, ele coletou essas informações adequadamente através de sua observação pré-textual, percebeu a atividade textual de leitura na produção quando o aluno referiu-se trata-as personagens e enredo.

O livro literário Omo-oba histórias de princesas, abordado nesta turma do ensino fundamental 2, foi de extrema importância para facilitar o entusiasmo da turma para trabalhar a leitura porque estava de acordo com a faixa etária dos alunos, e continha histórias clássicas infantis africanas, o que permitiu abranger conhecimentos anteriores de mundo dos alunos, em relação a comparação com histórias clássicas infantis, reflexões sobre o racismo o preconceito e também a posição da mulher de igualdade ao homem em relação a liderança, força e perspicácia.

Nota-se que os alunos utilizaram - se de seus conhecimentos de mundo para relacionar as imagens contidas no livro à semelhança com o povo africano mostrando que foram além de uma decodificação atingindo leituras não verbais, construindo assim, uma compreensão reflexiva e crítica do texto.

No decorrer do estágio e com base em nossas reflexões diárias, entendemos que o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa torna-se complexo diante às dificuldades já trazidas pelos alunos durante sua formação.

. A deficiência, principalmente no aspecto leitura, ainda é presente, todavia ficamos satisfeitos em perceber que a maioria dos alunos atingiram as expectativas se dedicando a leitura em sala e a produção dos seus próprios diários de leitura, claro que não foram todos que chegaram a este ponto, mas todos participaram tornando as aulas receptíveis e dinâmicas, facilitando o ensino aprendizagem do conteúdo programado em torno da leitura.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. Contexto; São Paulo. Edição: 1ª. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Regina Célia de Carvalho. **Leituras: múltiplos olhares**. Mercado das Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeb, 2005.

MACHADO, Ana Rachel. **Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. **OMO-OBA: histórias de princesas** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução: Cláudia Schilling. 6ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.